
Crítérios de Noticiabilidade: uma análise das coberturas do Correio do Povo e Zero Hora sobre suicídio¹

Sarah Lima e SILVA²

Francisco de Paula Rocha AMORIM³

Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter) de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, RS

Resumo

Este trabalho analisa a veiculação de notícias sobre a morte voluntária nos jornais gaúchos Zero Hora e Correio do Povo durante o ano de 2017. Utilizando-se da análise de conteúdo como método, o objetivo geral da pesquisa é conferir se os veículos pesquisados seguem as normas de boa e má conduta dispostas no Manual de Cobertura para Jornalistas da Organização Mundial de Saúde (OMS). O artigo apresenta o tema suicídio sob a perspectiva psicológica, retratando o suicídio como patologia e trabalhando os fatores que contribuem para um comportamento suicida. Além de, também, expor à visão sociológica, resgatando a teoria de Émile Durkheim, que expõe os três tipos de suicídio (egoísta, altruísta e anômico). Por fim, discute-se o papel social do Jornalismo a partir dos critérios de noticiabilidade adotados pelos jornais.

Palavras-chave:

Suicídio; jornalismo; critérios de noticiabilidade; psicologia social; OMS

Introdução

O tabu em relação ao suicídio se criou há muito tempo. Na Europa romântica, em 1774, houve um aumento no número de suicídios e acredita-se na relação com o lançamento do romance alemão *Die Leiden des jungen Werthers*, de Johann Wolfgang von Goethe. No romance, o personagem principal, Werther, acaba com a sua vida com um tiro de pistola após ser rejeitado por sua amada, Charlotte. Nos anos seguintes, houve uma epidemia de jovens rapazes utilizando o mesmo método e sendo encontrados com o livro no local do suicídio. E, assim, foi cunhado o termo “Efeito Werther”, que

¹Trabalho, escrito com base em parte de trabalho de conclusão de curso, apresentado no IJ 08 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019

²Bacharel em Jornalismo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis, e-mail: sarahlimaes@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UniRitter, e-mail: francisco.amorim@uniritter.edu.br

faz jornalistas e outros profissionais da comunicação do mundo inteiro, não apenas no Brasil, terem receio em falar sobre o assunto.

Segundo dados divulgados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), as mortes por suicídio já somam mais de 800 mil por ano em todo o mundo. No Brasil, o número já ultrapassa 12 mil casos e o país ocupa a oitava posição no ranking de países com maior incidência. Em 2015, a média nacional de casos era de 5,4 a cada 100 mil habitantes, o Rio Grande do Sul apareceu no topo dos registros com o dobro 10,4 casos, mais de mil por ano. O problema de saúde pública cresceu entre 2011 e 2015 e já é a quarta principal causa de morte em pessoas entre 15 a 29 anos de idade no Brasil, e segunda no mundo.

A partir dessa percepção, este trabalho tem como objetivo geral analisar se os veículos gaúchos Correio do Povo e Zero Hora cumprem as normas estabelecidas pela OMS para veiculação de notícias sobre suicídio. Utilizando como metodologia a Análise de Conteúdo, foram identificadas 263 publicações a respeito do tema, e as mesmas foram submetidas a 17 indicadores de boa e má conduta do manual de cobertura jornalística sobre suicídio elaborado pela OMS.

A dimensão psicológica do suicídio

Para Ribeiro (2003), na contemporaneidade, o fenômeno do suicídio tem merecido as mais variadas formas de pesquisa e interpretação psiquiátrica, sociológica e até mesmo filosófica. Mas o tema passou a ser observado como patologia, principalmente pela psiquiatria (PERES, 2016). Na presente sessão, será tratada somente no que atina à área da saúde.

Para compreender o suicídio, é preciso atentar às singularidades de cada situação, uma vez que a complexidade do fenômeno apresenta fatores internos e externos à vítima. O ato de tirar a própria vida representa uma ruptura radical para se livrar de uma dor psíquica insuportável, decorrente da vivência de situações traumáticas (MACEDO; WERLANG, 2007). A dor psíquica corresponde a um sentimento de desagregação de si mesmo, que aproxima o indivíduo da vivência de morte. Portanto, à luz das autoras, o suicídio é uma resposta autodestrutiva a uma dor psíquica avassaladora que o indivíduo não suporta resistir.

A falta de informação e esclarecimento sobre os riscos dos comportamentos autodestrutivos é a grande questão levantada por diversos psiquiatras. O comportamento

suicida está frequentemente associado com a impossibilidade do indivíduo de identificar alternativas viáveis para a solução de seus conflitos, optando pela morte como resposta de fuga da situação estressante. Detectar e tratar adequadamente a depressão reduz as taxas de suicídio. (BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011)

Em 1999, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu o suicídio como um problema de saúde pública e lançou o SUPRE, uma iniciativa para a prevenção de mais casos de autoviolência. Segundo o documento, a prevenção não tem sido tratada de forma adequada devido à falta de consciência do suicídio como um grave problema de saúde pública. Com o objetivo de difundir informação e, assim, diminuir o estigma acerca do problema na população mundial, a OMS elaborou manuais para profissionais específicos, como médicos, jornalistas e professores, tendo em vista serem setores relevantes da sociedade para a prevenção do suicídio.

No manual para profissionais da saúde elaborado pela OMS, tanto em países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, existem dois importantes fatores relacionados ao suicídio: primeiro, a maioria das pessoas que cometeu suicídio tem um transtorno mental diagnosticável e, portanto, tratável; segundo, o suicídio e o comportamento suicida são mais frequentes em pacientes psiquiátricos.

O documento também expõe que três características em particular são próprias do estado das mentes suicidas, sendo elas; ambivalência; impulsividade e rigidez. Além disso, acrescenta que quaisquer que sejam os problemas, os sentimentos e pensamentos da pessoa suicida tendem a se parecer em todo o mundo. Sendo os sentimentos de tristeza, depressão, solidão, desamparo, desesperança; auto-desvalorização.

É preciso sensibilizar a sociedade para a importância de um olhar menos amedrontado e mais acolhedor, onde o sofrimento do outro possa ser mais escutado, possibilitando intervenções (BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011).

A dimensão sociológica do suicídio

No contexto sociológico, é improvável falar de suicídio e não citar Émile Durkheim. Apesar dos adventos tecnológicos e as diversas mudanças na sociedade atual, o clássico “O Suicídio – Estudo de Sociologia”, elaborado no século XIX, segue possuindo relevância. Para Nunes (1998), que reflete sobre a atualidade da obra do pai da Sociologia, cita Giddens (1981), que na década de 60 teceu críticas ao trabalho de Durkheim, mas ressaltou que pouco se avançou na teoria sobre o suicídio após a obra,

mesmo porque as explicações dadas, posteriormente, são formuladas de maneira menos precisa, não oferecendo maior contribuição à sua teoria.

Para o sociólogo francês, o fato social é seu objeto de estudo na Sociologia e a morte voluntária é um exemplar disto. É importante ressaltar a questão da solidariedade social como sendo conceito fundamental no pensamento de Durkheim, presente não apenas em seu estudo sobre o suicídio, mas em toda sua obra (NUNES, 1998). Ricardo Rodrigues Teixeira (2002) diz que “toda sua sociologia está fundada nas premissas de que é a forma das coletividades que determina as atitudes individuais”.

O primeiro conceito apresentado por Durkheim em seu estudo é a definição clara do que é morte voluntária. Em caso de suicídio a vítima deve, necessariamente, saber que seu ato, direta ou indiretamente, produzirá a morte (DURKHEIM, 2005).

Na segunda parte do livro, o sociólogo francês apresenta o que parece ser o ponto central de sua pesquisa, a classificação dos suicídios e causas sociais que os produzem. Reforça-se aqui a importância em atentar-se à taxa social de suicídios para compreender a morte voluntária como um fenômeno coletivo, ancorar-se sempre em dados estatísticos, partindo do todo para as partes. O autor classifica o suicídio em três tipos egoísta, altruísta e anômico.

No caso de suicídio egoísta, há três proposições, sendo; o suicídio varia em razão inversa ao grau de integração da sociedade religiosa, doméstica e política (DURKHEIM, 2000). Ou seja, acontece quando um indivíduo está, ou sente-se completamente isolado da sociedade e dos grupos sociais.

Enquanto uma individualidade exagerada produz suicídio, não a possuir em medida alguma pode causar o mesmo efeito. Tratamos aqui do suicídio altruísta. Nesse caso, a pessoa está fortemente ligada à sociedade e sacrifica-se em virtude dela, ou de outro indivíduo. Nas sociedades contemporâneas há um meio em que o suicídio altruísta existe em estado crônico, sendo ele, o exército (DURKHEIM, 2000). Dados apresentados pelo sociólogo demonstram a taxa de morte dos militares ser muito superior à da população civil da mesma idade.

O terceiro e último suicídio denominado por Émilie Durkheim é o suicídio que sofre influência das crises econômicas, o suicídio anômico. Para (DURKHEIM 2000), qualquer alteração não esperada, seja devido a um súbito movimento de crescimento ou um cataclismo inesperado, aumentam a taxa de suicídios, não por aumentarem a pobreza da população, mas por representarem perturbações da ordem coletiva. Porém,

para Meneghel (2004), os últimos estudos realizados têm mostrado um cenário diferente do apontado por Durkheim no século XIX, pois entende-se a pobreza como uma situação que pode influenciar no suicídio, incluindo-se o desemprego, o estresse econômico e a instabilidade familiar.

Função social, critérios de noticiabilidade e Manual da OMS para jornalistas

É com base na premissa de o Jornalismo ser uma prática pertinente a regimes democratas, e não sendo possível em regimes totalitários, que as notícias são selecionadas dentre os acontecimentos de atualidade que, efetivamente, tenham relevância e interesse público (FONSECA, 2016). Para ela, o Jornalismo atua como uma instituição social produtora de conhecimento para sociedade e é legitimado pela mesma. E ainda, capaz de ser a memória em ato. Memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, no presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado (PALÁCIOS, 2014).

A prática jornalística utiliza-se de um esquema geral, sendo ele formado por critérios de noticiabilidade, para definir quando um acontecimento é ou não notícia (TRAQUINA, 2012). Para Silva (2005), é no percurso da produção da notícia que se deve investigar e estabelecer a rede de critérios de noticiabilidade existentes, compreendendo noticiabilidade como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da construção da notícia. E, ainda, atentar-se que desde características do fato, julgamentos pessoais do profissional, condições da empresa de mídia na qual o jornalista está inserido, circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais são fatores que podem influenciar na construção de uma notícia.

Os critérios de noticiabilidade destacados são: morte; notoriedade; proximidade; novidade; tempo; notabilidade; relevância quantidade; inversão; incomum, falha; excesso/escassez; inesperado; conflito; e infração/escândalo. Destaca-se aqui, morte e relevância

Como dito anteriormente, a OMS elaborou um manual com orientações para jornalistas na cobertura casos de suicídio. Sendo elas:

- *As estatísticas devem ser interpretadas cuidadosamente e corretamente*

-
- *Fontes de informação confiáveis e autênticas devem ser usadas, é recomendado que a construção desse tipo de notícia ou reportagem conte com a opinião de um especialista no assunto, ou profissionais da área da saúde;*
 - *Atenção à linguagem utilizada. Expressões como “epidemia de suicídio” e “o lugar com a mais alta taxa de suicídio do mundo” devem ser evitadas;*
 - *A cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros.*
 - *Fotografias do falecido, ou da cena do suicídio, não devem ser publicadas*
 - *“Suicídio” no título das reportagens e em manchetes de capa no jornal impresso deve ser evitado.*
 - *Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido.*
 - *O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira reducionista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único.*
 - *O suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais*
 - *Empatia. As reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima, e nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar.*
 - *A glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Ao contrário, a ênfase deve ser dada ao luto pela pessoa falecida.*
 - *Apresentar as consequências físicas de tentativas de suicídio são encorajadas. A descrição das consequências físicas de tentativas de suicídio não fatais (dano cerebral, paralisia, etc), pode funcionar como um fator de dissuasão.*
 - *Fornecer o telefone de grupos de apoio, como o Centro de Valorização da Vida (CVV).*
 - *Apresentar os sinais de alerta de comportamento suicida*

Percurso metodológico

O método utilizado para realização desta pesquisa foi Análise de Conteúdo. Bardin (1977) a divide em três etapas, sendo, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. No caso desta, em primeiro momento foi realizada uma pesquisa no acervo digital dos jornais impressos do Correio do Povo e Zero Hora durante o ano de 2017 e reunidas as 263 publicações que continham a palavra “suicídio”. Em paralelo, foram extraídos os 17 indicadores de boa e má conduta do manual de cobertura jornalística sobre suicídio elaborado pela OMS. Sendo eles:

Quadro 1: Normas de boa e má condutas extraídas do Manual para Jornalistas, elaborado pela OMS

1. Trabalhou em conjunto de profissionais da saúde	2. Apresentou estatísticas relevantes	3. Usou "suicídio bem sucedido"	4. Destacou alternativas ao ato fatal	5. Informou o número telefônico do CVV	6. Indicou sinais de comportamento suicida
7. Sensibilizou o público	8. Deu explicações simplistas	9. Tendo sido caso atípico, informou ao público	10. Publicou fotos ou cartas do suicida	11. Informou o método	12. Fez sensacionalismo
13. Usou estereótipos	14. Atribuiu culpas	15; Usou "suicídio" no título	16. Foi tratado como caso de polícia	17. Divulgado na capa	

Fonte: SILVA, Sarah, 2018.

Das 263 publicações encontradas, sendo 117 no Correio do Povo e 146 na Zero Hora, restaram 171 para serem aplicadas aos indicadores. As matérias descartadas não tinham relação direta com o objeto da pesquisa, no caso suicídio. Em diversas delas, a palavra era apenas citada, porém o assunto central da publicação era outro. Como no caso da sessão "Hoje na História" do jornal Zero Hora, em que o veículo elenca diversos acontecimentos que marcaram determinado dia. A exemplificar; no dia 08 de abril de 2017 apenas citou o “aniversário” de morte, o suicídio, do vocalista do Nirvana, Kurt Cobain.

Em seguida, realizou-se o recorte das categorias de conteúdo em que as 171 publicações foram categorizadas, sendo elas: notícia factual (53), conscientização (26), produção cultural (63) e texto de opinião (29). Com essa divisão por conteúdo, é possível visualizar como a mídia tradicional gaúcha se comporta nos quatro tipos de publicações categorizadas.

Observou-se também o uso da palavra suicídio como figura de linguagem é recorrente em matérias sobre política e esporte, 24 das 263 publicações, apresentavam essa característica. Após avaliação de conteúdo, sobraram 171 matérias, procedeu-se a análise geral quesitos, apresentadas a seguir.

Análise geral

- Profissionais da saúde como fonte

Um dos principais cuidados de todo jornalista é a fonte. Uma fonte fidedigna é necessária para a melhor construção de um texto e uma melhor compreensão para os leitores acerca de determinado. No caso do suicídio, a OMS indica que sejam sempre ouvidos profissionais da área da saúde. Das 171 matérias analisadas, 36 (21%) delas trouxeram, como fonte, psicólogos, psiquiatras ou psicopedagogos.

- Apresentação de estatísticas relevantes

Das 171 matérias analisadas, 31 (18,1%) delas apresentaram dados relevantes, ou seja, a apresentação de estatísticas corretamente interpretadas acerca do problema. É importante ilustrar as reportagens com conteúdo diverso, ancorado em dados, fazendo comparativos com outros países, mas a OMS ressalta que é preciso ter cuidado na hora de interpretar esses dados para não alardear a população.

- Suicídio “bem-sucedido”

Outra dica da OMS é ter “cuidado com a linguagem”. Segundo o manual, é preciso ter cautela ao escolher as palavras quando se vai tratar sobre este assunto. Das 171 matérias analisadas, 3 (3,4%) delas, utilizaram uma linguagem que pode resultar em uma distorção de sentido na compreensão do assunto.

Um exemplo é a coluna de Juremir Machado no dia 27 de abril de 2017 intitulada "Zweig, o filme" em que o colunista apresenta sua opinião acerca do então novo filme sobre escritor judeu. Em determinado momento do texto Machado diz "Um suicídio é sempre mais do que uma escolha. Uma perda de controle. Jean Boudrillard falava em 'assassinato de si'. Vitória do desespero". Ao utilizar a palavra "vitória", Juremir Machado atribui o sentido de que, em alguma esfera, ao se matar, alguém é vanglorioso por isso.

- Destaque de alternativas

Apresentar alternativas ao suicídio é outro indicador apresentado pela instituição. Segundo a OMS, é imprescindível esclarecer aos leitores sobre existência de tratamentos para melhora da saúde mental. Das 171, foram 16 (9,3%) das publicações analisadas que destacaram alternativas ao ato fatal.

- Divulgação do número telefônico do Centro de Valorização da Vida

Como dito anteriormente, uma informação pode mudar o destino de alguém. Ao analisar os dados, foi identificado que apenas 6 (3,5%) das publicações atenderam ao indicador de informar o número do CVV. Foram apenas seis matérias, das 171 analisadas, cumpriram o requisito.

- Sinais de alerta de comportamento suicida

Outra recomendação do manual da OMS são os sinais de alerta. Segundo a entidade, é importante que as matérias sobre suicídio contem com um box de informações com sinais de alerta sobre comportamentos suicidas, a fim de manter a sociedade precavida e informada. Das 171 publicações analisadas, 14 (8,1%) delas cumpriram este indicador.

- Sensibilização do público

A mídia deve ter um papel proativo ao cobrir a morte voluntária. Nesses casos, a OMS indica sensibilizar o público e mostrar empatia aos familiares, além de respeitar o luto dos mesmos, oferecendo quando disponível número de telefone de grupos de apoio. Segundo a entidade, isso aumenta a probabilidade de intervenção por parte de

profissionais de saúde mental. Das matérias analisadas, 8 (4,6%) contaram com esta informação.

- Explicações reducionistas

Segundo a OMS, o suicídio é um evento complexo e não deve ser atrelado apenas a um fator, portanto, ao ser retratado pela mídia não pode receber explicações reducionistas. Das 171 publicações analisadas entre Correio do Povo e Zero Hora, 32 (18,7%) delas deram explicações simples, atrelando o suicídio a problema singular, como, falta de poder econômico, ou até brigas familiares.

- Casos atípicos

A OMS diz que é necessário informar ao leitor que, quando não há sinais de alerta no comportamento suicida trata-se de um caso atípico e nesse caso é preciso informar ao leitor. Como exemplo, a matéria sobre a morte voluntária de Jean Stein, em que a Zero Hora informa que a escritora já havia tentado suicídio anteriormente. Das matérias analisada 8 (4,6%) contaram com esta informação.

- Publicação de fotos ou cartas do suicida

Uma preocupação do jornalista é estar onde tudo acontece e ter uma imagem para ilustrar. Porém, segundo a OMS, no caso do suicídio isso deve ser evitado, pois pode criar uma identificação entre um suicida em potencial que leia o jornal. Da totalidade de material aplicado aos indicadores, 8 (4,6%) divulgaram fotos ou cartas dos suicidas em suas publicações.

- Informação do método

Segundo o manual, devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. Além disso, informar o local de pontes e, ou, venenos e drogas letais também devem ser evitados para que não haja casos de imitação. Porém, 19 publicações de ambos os veículos durante o ano de 2017 informaram o método, resultando em 11,1% de 171 publicações analisadas.

- Sensacionalismo

Em todas as áreas do Jornalismo o sensacionalismo é uma prática dispensável. Na prestação de serviço não é diferente. Para OMS, o sensacionalismo em matérias sobre morte voluntária deve ser evitado ao máximo, particularmente quando uma celebridade está envolvida. Das 171 matérias analisadas, 10 (5,8%) delas apresentaram sensacionalismo no conteúdo.

- Atribuição de estereótipos

O assunto suicídio é um tabu e por isso, algo difícil de pautar. A OMS elucida que não se pode atribuir estereótipos culturais, religiosos ou quaisquer que sejam na repercussão desse tipo de publicação. Porém, 16 (9,3%) das 171 matérias analisadas não cumpriram este indicador.

- Atribuição de culpa

O assunto suicídio é preciso ser retratado e a mídia, como já dito anteriormente, tem um trabalho crucial na diminuição das taxas anuais. Para isso, é preciso cuidado ao produzir um conteúdo sem atribuir culpa. Porém, das 171 publicações, 33 (19,3%) atribuíram culpas aos casos.

- Palavra “suicídio” no título

A palavra “suicídio” não deve ter lugar de destaque nos jornais, segundo a OMS. Além do cuidado em retratar o assunto, é preciso cautela ao chamar atenção do leitor para este tema. Das 171 matérias analisadas, 15 (8,7%) delas não cumpriram este critério.

- Tratar como caso de polícia

Segundo o manual da OMS, casos de suicídio não devem ser retratados como caso de polícia. Porém, a pesquisa identificou que um dos critérios de noticiabilidade utilizados pelos veículos de comunicação é suicídio posterior a assassinato. Das 171 matérias analisadas 30 (17,5%) foram retratadas como caso de polícia.

- Divulgação de casos na capa

Como já dito anteriormente, casos de suicídio não devem ter repercussão. Se a palavra “suicídio” não deve aparecer no título de uma matéria, o mesmo crivo serve para uma matéria sobre o assunto aparecer na capa de um jornal. No entanto, 6 (3,5%) das matérias analisadas, sendo três matérias do Correio do Povo sobre o assunto e três da Zero Hora, tiveram o assunto destaque em suas capas, como no caso do suicídio do reitor da UFSC, que apareceu na capa de 03 de outubro de 2017.

Discussão dos achados

Ao analisar as publicações sobre suicídio dos jornais Correio do Povo e Zero Hora, pode-se identificar que os veículos vêm progredindo na produção de materiais acerca do assunto. Por ser um tabu, a morte voluntária, por vezes, não é discutida nas páginas do jornal. Tendo em vista a posição favorável da OMS e a instituição do Setembro Amarelo como mês de prevenção ao suicídio, o assunto passou a ser mais frequente. Em 2017, como indica a amostra coletada, a série 13 Reasons Why e o jogo Baleia Azul foram dois fatores que desencadearam discussões e colocaram o assunto em pauta.

Como visto em Durkheim (2000), o suicídio é um fato social e, sendo assim, de interesse de toda a sociedade. A violência praticada contra si é também um problema de saúde pública e deve ser retratado pela mídia, a fim de aumentar a tráfego de informações e diminuir assim, as taxas de morte. À luz de Traquina (2013), o Jornalismo tem um papel social a cumprir enquanto agente da sociedade na conscientização da população e, neste caso, na promoção da prevenção contra suicídio.

Reforçando, dos estados brasileiros, o Rio Grande do Sul figura no topo dos registros com mais de 10,4 mil casos de suicídio ao ano. A OMS defende a prevenção como sendo a principal pauta para conter os números. Mas ao confrontar os dados obtidos na pesquisa, nos jornais Correio do Povo e Zero Hora, é possível identificar que as publicações sobre conscientização são as que aparecem em menor volume, apenas 26 matérias ao longo do ano. É possível que haja o argumento de Efeito Wherter, ou imitação, mas à luz de Durkheim (2000) e do Manual para jornalistas da OMS, constatamos que uma cobertura atenciosa, pode impedir perdas trágicas de vidas.

Mesmo havendo um manual com descrições detalhadas de práticas de boa e má conduta na cobertura jornalística sobre suicídio, os veículos analisados seguem cometendo erros, como informar o método utilizado pelo suicida noticiado. Como elucidado por Traquina (2012), a prática jornalística utiliza os critérios de noticiabilidade para elencar as principais características que um fato deve conter para ganhar espaço nos jornais.

No recorte das matérias factuais, em sua massiva maioria, o suicídio ganha destaque quando é posterior a um assassinato, atentado, ou quando é a morte de uma figura pública. Tais padrões são identificados pela OMS como não sendo condizentes com a realidade da maioria dos suicidas, como visto também em Barbosa, Macedo e Silveira (2011) em 90% dos casos a morte voluntária está ligada a um transtorno mental.

Em contrapartida, nota-se uma maior preocupação dos veículos ao redigirem publicações sobre conscientização, apesar de ser a categoria que possui o menor volume de matérias, é a que mais se enquadra às normas da OMS. Ancorando-se em Fonseca (2016), postula-se que ambos os jornais estão falhando em sua função social enquanto instituição legitimada pela sociedade, devido à baixa e má produção de conteúdo sobre prevenção de suicídio. Afinal, nenhuma das publicações analisadas cumpriu completamente com as recomendações do manual da OMS.

A grande maioria das publicações classificadas como produções culturais não tem aprofundamento sobre o assunto suicídio, apesar das produções divulgadas nos jornais abordarem o tema. Ao longo da pesquisa, principalmente nas matérias de conscientização em que tinham como gancho o seriado 13 Reasons Why, foi possível identificar que os profissionais da saúde (psiquiatras, psicólogos, etc) parabenizavam o fato de a série ter colocado o assunto em pauta. A questão é que, como evidenciado com esta pesquisa, há diversas outras produções culturais acontecendo simultaneamente, e que poderiam ser usadas como plano de fundo para disseminação de mais informações sobre suicídio, mantendo a discussão sobre o assunto em pauta.

Inferências finais

Esta pesquisa se propôs analisar o tema suicídio nos jornais Correio do Povo e Zero Hora, a fim de contribuir cientificamente com a comunidade jornalística. De modo específico, visou-se ampliar a discussão científica sobre o assunto. Constatou que, apesar de o Rio Grande do Sul ser o estado brasileiro com maior ocorrência de casos, em 2017, os veículos contaram apenas com 26 publicações de conscientização ao longo do ano. E mesmo entre elas, nenhuma cumpriu integralmente as normas da OMS.

Este trabalho se propôs, acima de tudo, a auxiliar na discussão social do tema, apontando os problemas, visando uma melhor cobertura para que haja o avanço na melhora nesta doença social.

Referências

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

FONSECA, Vírgina Pradelina da Silveira. **O declínio da notícia no jornalismo pós-fordista dos conglomerados multimídia**. E-Compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre. n.7 (dez. 2006). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/173105>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

FONSECA, Vírgina Pradelina da Silveira. **Jornalismo, ação racional conforme os fins e os valores**. E-Compós. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre. v. 19, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172576/000992528.pdf?sequence=1>> Acesso em 20 nov. 2018.

MENEGHEL, Stela Nazareth; VICTORA, Cesar Gomes; FARIA, Neice Muller Xavier; CARVALHO; Lenine Alves de.; FALK, João Werner. **Características epidemiológicas do suicídio no Rio Grande do Sul**. Rev. Saúde Pública, 2004;38(6):804-10. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71422/000509714.pdf?sequence=1&isAlloved=y> > Acesso em: 20 nov. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Plano de Ação em Saúde Mental**. 2017. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/Coletiva-suicidio-21-09.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

NUNES, Everardo Duarte. **O Suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX**. Cad. Saúde Pública [online]. 1998, vol.14, n.1, pp.7-34. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X1998000100002&script=sci_arttext>. Acesso em 27 jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do Suicídio: Um manual para profissionais da mídia**. 2000. Disponível em:
<http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SUPRE. **Iniciativa de Prevenção ao Suicídio OMS**. Disponível em:
<http://www.who.int/mental_health/management/en/SUPRE_flyer1.pdf?ua=1> Acesso em: 05 nov. 2018.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. **Três fórmulas para compreender "O suicídio" de Durkheim**. Botucatu, v.6, n.11, p.143-152, Aug. 2002. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832002000200021&lng=en&nrm=iso Acesso em: 05 nov. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo volume I: Por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo volume II: A tribo Jornalística**. Florianópolis: Insular, 2013.